

DF-Brasília

OLHAR SUPERFICIAL



PARA A MAIORIA DOS TURISTAS, BRASÍLIA CONTINUA SENDO UMA CIDADE PARA SER VISITADA EM APENAS ALGUMAS HORAS

ANAMARIA ROSSI

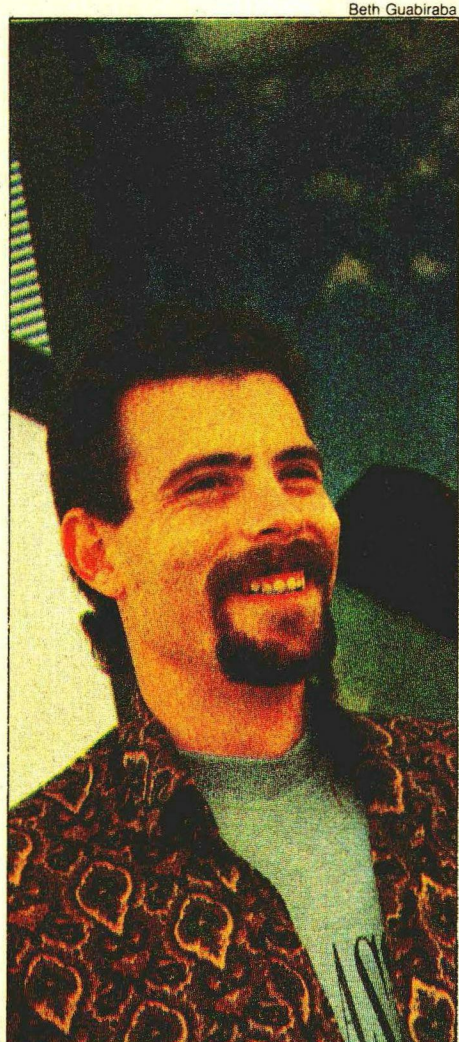
Quem vê Brasília do alto vislumbra um grande avião. Quem olha dos subterrâneos acaba vendo muita coisa que não quer. Mas quem entra na vida da cidade descobre que, além de centro político do País e monumento arquitetônico, Brasília é de carne e osso, com muito sangue correndo em suas vias. Para perceber isso, no entanto, é preciso demorar-se no passeio, conhecer seus personagens, sua noite, seu dia, suas entranhas. Infelizmente, não é isso o que acontece com os cerca de 400 mil turistas que passam por aqui anualmente. Para eles, que são guiados pelos tradicionais roteiros das agências de turismo, Brasília continua sendo tão-somente uma cidade futurista plantada no meio do cerrado, um corpo estranho dentro de um Brasil povoado de miséria e violência urbana.

Bonita, prática e futurista. Estes são, segundo uma pesquisa realizada recentemente pelo Departamento de Turismo do DF (Detur), os adjetivos com que os turistas classificam Brasília. E não poderia ser diferente. A seleção de atrações a que os visitantes devem ter acesso é rigorosamente calculada para que, no curto espaço de tempo que eles permanecem na cidade, saiam daqui com a impressão de que se trata do paraíso profetizado por Dom Bosco.

Brasília até pode ser considerada, pelos seus habitantes, a melhor cidade do mundo para se viver, mas a avaliação de quem vive aqui ultrapassa a beleza plástica de uma cidade planejada. Mergulha fundo na identidade da cidade, com sua cultura que é a mistura de tantas culturas, com suas tradições que, por isso mesmo, espelham os quatro cantos do País.

"Não se pode perceber a cidade num relance", já disse o poeta Tetê Catalão no texto de apresentação do catálogo do Detur. Essa pode ser considerada a máxima da desinformação turística. Os visitantes, especialmente os estrangeiros, não ficam em Brasília mais que dois dias, e às vezes "conhecem" a cidade em algumas horas entre o Rio de Janeiro e Salvador.

City tour — "A imagem que a gente quer transmitir da cidade é a melhor possível", explica o gerente do Serviço Receptivo de Agência de Turismo, Yoshihiro Karashima, o Shiro. A sua é a agência que mais recebe grupos de turistas estrangeiros em visita à cidade e Shiro tra-



Billy: americano criado em Brasília

balha na área há 20 anos. Ele garante que, apesar do pacote mais vendido para turistas ser o famoso *city tour*, com quatro horas de duração, "haveria o que mostrar pelo menos durante três dias". Isso, esgotando apenas as atrações tradicionais: igrejas, museus, palácios, Esplanada dos Ministérios, Praça dos Três Poderes, Setor Militar Urbano e outros monumentos arquitetônicos que fizeram de Brasília Patrimônio Cultural da Humanidade.

"Para conhecer melhor a vida do brasileiro é preciso ficar mais que um pernoite", admite criticando o Detur por não realizar um trabalho mais intenso de divulgação da cidade nos eventos internacionais de turismo. Além do Detur e das próprias agências, cabe também aos guias de turismo uma parcela de responsabilidade sobre como a cidade se apre-

senta aos seus visitantes. "Os guias têm que conhecer e gostar de Brasília", observa Shiro.

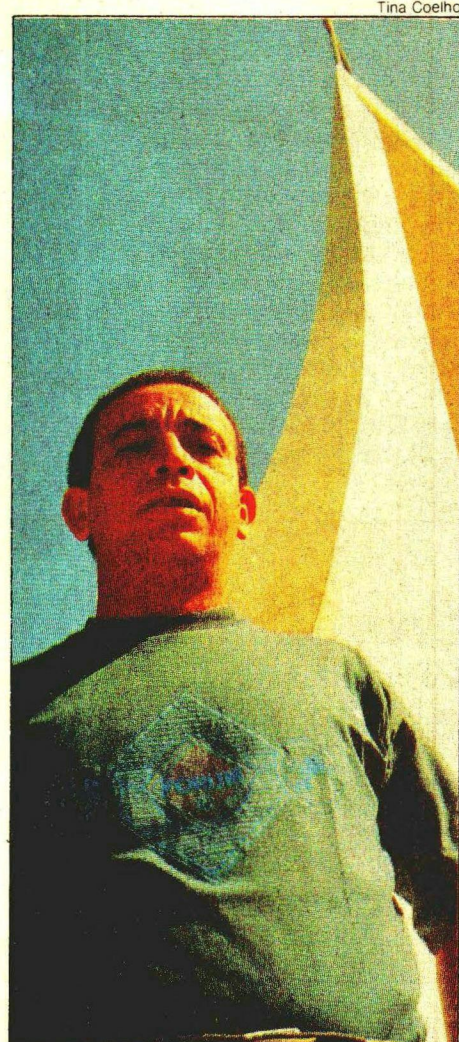
Ao redor — Billy Deeter, Antônio Augusto e Roland Joseph são três guias turísticos que, à sua maneira, tentam fazer com que os visitantes conheçam e se apaixonem por Brasília. "Eu cresci aqui, vi a cultura de Brasília acontecer, tenho uma relação de filho com a cidade. Por isso, tento mostrar ao turista o que acontece ao redor dos monumentos", diz Billy, um norte-americano de 28 anos; que está em Brasília desde os dois anos. Ele diz que, para sair da visão superficial proporcionada pelos roteiros tradicionais, adapta esses roteiros conforme o interesse de seu passageiro. "O problema é que os passageiros raramente sabem as opções que têm", analisa.

Ele traça, logo na saída do aeroporto, uma espécie de perfil do turista que irá guiar, e sugere passeios diferentes. "Quando estou com grupos menores, principalmente de jovens, convindo para espetáculos musicais e teatrais, e às vezes até levo a festas em casas de amigos meus", conta. Billy tem a constante preocupação em mostrar aos turistas que Brasília "não é a cidade fria e vazia que eles imaginam", mas reconhece que nem todos os guias pensam assim.

Ao contrário de Billy, Antônio Augusto de Medeiros, cearense que está há dez anos em Brasília, não tem com a cidade uma relação apaixonada. Trabalhando como motorista, ele conheceu os pontos atrativos da capital e em pouco tempo conseguiu um registro de guia junto à Embratur. O que Antônio sabe sobre a história de Brasília, aprendeu através dos livros oferecidos pelo próprio Detur.

Redenção — Antônio diz que os estrangeiros não são muito bem informados sobre Brasília, mas bastante curiosos. "Eles estranham os contrastes entre Brasília e outras cidades pobres, e no final saem muito satisfeitos, pois gostam de não ser perturbados na rua por pedintes". Brasília acaba sendo, para os estrangeiros, a redenção da imagem do Brasil como País de Terceiro Mundo.

Mas, se Brasília não tem o número de marginais que circulam pelo centro do Rio, a "Cidade Maravilhosa" tem outros atrativos que os seguram lá por mais que dois dias. Trata-se das casas noturnas voltadas especificamente para turistas. "Os estrangeiros gostam de Brasília, mas ain-



Augusto: de motorista a guia turístico

da reclamam da falta de atrações noturnas. O pior é que ninguém tem coragem de investir nisso", diz Roland Joseph, libanês que vive na cidade há 20 anos e é um dos guias turísticos mais antigos da capital.

Para mostrar, tanto aos estrangeiros — que são em maior número — quanto aos brasileiros, um pouco do dia-a-dia da cidade, Roland faz como os outros guias, seguindo sugestão do próprio Detur: visita uma superquadra do Plano Piloto, explica seu funcionamento, enaltece o verde e a praticidade característicos do urbanismo da cidade. Quando o problema é a noite *made in Brazil* para estrangeiro ver, Roland apela para uma atração que pouco tem a ver com a cultura brasileira, mas agrada. "Levo meus passageiros solteiros para a boate Queen's, pois turista quer mesmo é ver mulher brasileira".

Misticismo, um filão inesgotável

A diretora do Departamento de Turismo do DF, Maria Eulália Franco, considera fundamental mostrar ao turista por que Brasília foi tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade. "Saber que existe uma cidade como esta no coração do Brasil é estonteante", afirma. Mas ela admite que conhecer Brasília pressupõe um passeio mais prolongado pelos aspectos humanos e sócio-culturais da cidade, e anuncia projetos que, a médio e longo prazo, podem contribuir para isso.

"Estamos estudando a exploração da orla do Lago Paranoá, prevendo, em alguns trechos, a construção de casas de espetáculo e outros atrativos, que possam humanizar o contato do turista com a cidade", explica. Ela diz estar mantendo contatos, também, com as administrações regionais, para que as próprias comunidades das satélites descubram suas potencialidades turísticas e estimulem o turismo interno. "Não podemos fabricar atrações, isso deve fluir espontaneamente. Em primeiro lugar, a comunidade precisa querer receber", analisa.

Segundo Maria Eulália, depois de alguns anos sem investir em propaganda turística no exterior, a Embratur está retomando campanhas, especialmente nos Estados Unidos, Alemanha, França e Itália, os quatro países que mais enviam turistas ao Brasil. Ela observa que, em Brasília, a média de permanência do turista na cidade subiu, nos últimos cinco anos, de cinco horas para dois dias.

Filões — Entre os aspectos culturais de Brasília, o mais explorado turisticamente é o misticismo. O Vale do Amanhecer, a Cidade Eclética e a Cidade da Paz, assim como o Templo da Boa Vontade e várias tendas de umbanda e candomblé, constam dos roteiros místicos do Detur. Os museus fazem parte dos roteiros culturais, mas não despertam o mesmo interesse que a arquitetura e o misticismo.

Segundo Maria Eulália, o grande filão do turismo em Brasília são os grandes eventos e convenções, que atraem muitos brasileiros e alguns estrangeiros à cidade. Enquanto a maioria dos estrangeiros vem a Brasília movida por interesses turísticos, os brasileiros vêm em maior número para tratar de negócios ou participar de convenções. (A.R.)